

Parentalização: uma questão psicológica

Miza Maria Barreto de Araújo Vidigal
Maria Izabel Tafuri

O presente artigo trata de uma reflexão da noção de parentalidade introduzida no final dos anos de 1950, pelo psicanalista americano Thomas Benedekt. O autor criou o termo parenthood que foi retomado por Paul Racamier na França como parentalité. Trata-se de um neologismo surgido a partir da escuta psicanalítica das consultas dos pais com o bebê. Uma clínica voltada para as psicoses puerperais e para as dificuldades encontradas por um pai ou uma mãe diante do bebê que eles amam, mas não compreendem. O neologismo é tratado a partir da noção de parentesco na obra de Freud, onde é possível encontrar os pontos nodais da noção de parentalidade.

Palavras-chave: Parentalidade, parentesco, parentalização, interações precoces pais-bebês

Os estudos sobre parentalidade na França, desde a década de 1990, receberam atenção especial por oferecer duas categorias de estudo, a científica e a de ação pública. Ambas procuram um domínio de saber sobre as especificidades das relações entre pais e filhos e, assim, propor ações específicas. Estas duas categorias ordenam não apenas os discursos relativos às relações pais-filhos, mas também, entre os pais e o Estado. Envolvem uma dupla análise: uma genealógica que se destina a retratar a formação e as repercussões deste conceito nos campos, acadêmico, político e administrativo; e uma análise crítica das proposições implícitas da parentalidade. O objetivo aqui é o de estudar a gênese da noção de parentalidade e as repercussões da introdução deste neologismo no contexto atual.

A primeira dificuldade imposta pelo termo parentalidade é a sua definição. Trata-se de um neologismo *parenthood* criado pelo psicanalista Thomas Benedekt, nos anos de 1950, nos Estados Unidos. Para o autor, *parenthood* foi o termo encontrado para descrever o processo psicológico do 'tornar-se pai'. A paternidade e a maternidade são para o autor uma fase de maturação do adulto, e o processo psicológico referente a essa fase seria o que ele denominou de parentalidade. Para Benedekt (1959), *parenthood* designa o processo de desenvolvimento psicoafetivo comum aos dois genitores, a partir da concepção de uma criança.

A noção de *parenthood* emerge face às mutações da família. Incide tanto em relação à dinâmica entre os genitores, quanto em relação à dinâmica pais-bebês. Pode-se ver que as condições básicas do surgimento desse neologismo são aquelas que emergem da clínica psicanalítica de pais-bebês.

Após o surgimento do termo *parenthood* nos Estados Unidos, foi introduzido na França o termo '*parentalité*', pelo psicanalista francês Paul-Claude Racamier, em 1961, a partir da escuta psicanalítica de mães-bebês, em um hospital psiquiátrico. O autor propôs, inicialmente, o termo de maternalidade (*maternalité*)

para definir os processos psicoafetivos que se desenvolvem e se integram por ocasião da maternidade. Ao longo de sua experiência clínica com os quadros de psicoses puerperais, o psicanalista acrescentou mais dois neologismos: paternidade (*paternalité*) e parentalidade (*parentalité*).

Importante ressaltar que o termo '*parentalité*' foi introduzido na França no campo das patologias, as psicoses puerperais. O uso do termo permaneceu restrito ao universo das psicopatologias até os anos de 1980. Com o trabalho de Serge Lebovici (1983) e René Clement (1985) o discurso passou a ser mais geral em relação às famílias sobre a condição parental. Segundo Lebovici (1983):

A parentalidade vai além do fator biológico: para se tornar um pai ou uma mãe é preciso ter feito um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais. Não me refiro ao que é genético ou programado, como o apego, e sim àquilo que é relativo à transmissão intergeracional. (p. 21)

Para René Clement (1985), por parentalidade se compreende todos os processos mentais conscientes e inconscientes envolvidos na experiência do 'tornar-se pai'. Fruto de um trabalho psíquico que consiste em elaborar o que herdamos de nossos próprios pais e o que transmitimos para nossos filhos a partir da vivência da maternidade. O autor diz ainda que 'tornar-se pai' é um processo complexo, consciente e inconsciente. A parentalidade se constrói por essa edificação que pode ser comprometida pelo intrincado processo da constituição psíquica do ser.

Observa-se que a noção de parentalidade surgiu a partir de uma ideia estruturante: se tornar pai não é algo dado biologicamente, não se trata de uma herança genética. Quais as similaridades que podemos reconhecer entre os dois termos, parentesco e parentalidade? E o que podemos dizer sobre as relações conceituais entre os termos criados paternidade com paterno, e maternidade com materno? E, mais, o que distingue as concepções mais tradicionais de pai e mãe, das de parental e parentalidade?

Segundo os dicionários Aurélio e Houaiss da língua portuguesa, o parentesco diz respeito, no diacronismo antigo, ao pai ou ao genitor. Atualmente, o termo refere-se à pessoa ligada a outra por consanguinidade, afinidade ou adoção. O termo também pode ser utilizado como adjetivo de dois gêneros, aquele que está ligado à outra pessoa por vínculos familiares; que tem parentesco, ou que seja da mesma espécie, qualidade e natureza.

Do ponto de vista antropológico, o parentesco designa um sistema de relações existentes entre os pais e as classes de pais de uma mesma família, de uma sociedade. Existe um sistema de normas que define os comportamentos, direitos e obrigações dos membros da família. O parentesco designa também o vínculo jurídico que une as pessoas descendentes uma de outra ou de um ancestral comum.

Segundo Lévi-Strauss (1974), a família é encontrada em todas as sociedades humanas em pelo menos duas grandes ordens: a do biológico (diferença sexual) e do simbólico (proibição do incesto e outros interditos).

A família nuclear, tal como hoje a concebemos (pai, mãe, filhos) se impõe entre os séculos XVI e XVIII. A noção de família passou por três grandes períodos: a família tradicional, sob a ordem do mundo imutável e submetida à autoridade patriarcal, Deus Pai; a família dita “moderna”, de lógica afetiva, sob a divisão de poderes, entre Estado e pais; a família dita “contemporânea”, ou “pós-moderna”, valorizadora da vida privada, e na complexidade com a autoridade, de transmissão cada vez mais problemática (com rupturas e recomposições conjugais), imagens destituídas de pai heróico ou guerreiro. Percorrendo figuras paternas da mitologia grega, de autoridade paterna na inquisição, é visto o amesquinhação que o lugar paterno foi sofrendo, até seu visível enfraquecimento, em paralelo a um discurso misógino, até maior deterioração da figura paterna ao declínio da monarquia, com elevado temor à feminilização do corpo social.

Importante sublinhar a importância do estudo histórico, sociológico e psicológico das atitudes relacionadas à procriação e do desejo de ter filhos dentro da família. São saberes sobre a primeira infância que evoluíram ao longo dos séculos, no âmbito psicanalítico, psicológico, cognitivista, médico, pedagógico, entre outros, que oferecem base para as concepções da parentalidade e das mudanças técnicas, sociopolíticas e ideológicas.

O estudo psicanalítico sobre o parentesco, o lugar da criança na família e o desejo de ter um filho são questões centrais para o estudo da parentalidade. O trabalho de Freud (1913-1914), “Totem e Tabu e outros trabalhos”, abre uma avenida para a compreensão da noção do parentesco psicológico até a formulação do neologismo parentalidade. Envolve a vida social dos povos primitivos, em especial o medo do incesto, o totem e a ambivalência dos sentimentos.

Freud propôs uma teoria do psiquismo humano na qual o assassinato do pai – realizado ou fantasiado, desejado – terá decisiva importância. O assassinato do pai, segundo o psicanalista, é um ato necessário, fundador da civilização, ato que instaura a lei que nos separa do mundo da natureza e nos introduz na cultura. Um ato que possibilita a internalização dos interditos paternos. A proposição de Freud compreende tanto o assassinato do pai como a sua permanência. Segundo o mito, o assassinato do pai primordial é cometido pela tribo primitiva que institui a partir desse ato um sistema de regras de troca, notadamente a exogamia como horror ao incesto e o totemismo.

Dessa forma, Freud postula a existência da “família edipiana” por meio de uma complexa relação entre pai e filho, a figura trágica de Édipo. Sabemos que as três tragédias de Sófocles em torno de Édipo – “Édipo Rei”, “Édipo em Colona” e “Antígona” – são os momentos finais de uma história mítica maior, a da

trágica e amaldiçoada família dos Labdácidas. Freud coloca como ponto central o assassinato do pai e o incesto com a mãe. O pai da psicanálise oferece as pistas fundamentais do funcionamento inconsciente norteadores da concepção da parentalidade como estrutura psíquica.

A cultura e o parentesco são compreendidos como organizadores fundamentais para a constituição psíquica da criança. E os estudos contemporâneos oriundos da clínica psicanalítica com crianças e com os pais e seus bebês vêm demonstrando a necessidade de se compreender o discurso consciente e inconsciente de cada família em particular. Cada criança é falada e desejada muito antes de ter sido gerada, a partir de uma organização cultural e social, as famílias mantêm dinâmicas relacionais individualizadas que vão oferecer ao bebê que nasce um terreno propício ou interditado à constituição psíquica do ser. Os psicanalistas passaram a refletir sobre os desejos inconscientes da mãe e do pai frente ao filho. Os estudiosos tentaram entender o lugar que o filho vem ocupar nos mundos internos dos pais e a forma como tais conteúdos serão assimilados e internalizados pelos filhos. Abriram-se novas possibilidades de pensar analiticamente a família, com seus segredos, seus não ditos, suas vergonhas e suas feridas narcísicas. O aparelho psíquico da criança passou a ser compreendido não apenas em sua estrutura intrapsíquica, mas, sobretudo, produto da intersubjetividade e da transmissão intergeracional.

Segundo Solis-Ponton (2004), “o parentesco humano que estudamos sob o termo de parentalidade será o equivalente da construção do sistema de categorias mentais”. Para a autora, seriam duas as categorias para se estudar a parentalidade: categoria de idade e diferença de gerações (pais-filhos, mães-filhas, pais-crianças) e a categoria de sexo e diferença de gênero (homem-mulher).

A definição do termo parentalidade encontrada na obra de Solis-Poton (2004) é a seguinte:

A parentalidade é o estudo dos vínculos de parentesco e dos processos psicológicos que se desenvolvem a partir daí. A parentalidade necessita de um processo de preparação, até de aprendizagem, não no sentido de pedagogia parental, mas como trabalho que põe em evidência a complexidade das características paradoxais do fenômeno natural do parentesco. (p. 31)

Importante ressaltar que Solis-Ponton avança consideravelmente em relação à noção de parentalidade *vis-à-vis* à de parentesco ao introduzir elementos organizadores das relações pais-bebê. Um modelo que aponta para a heterogeneidade, a assimetria e a complexidade do processo psicológico do tornarem-se pais, da parentalidade. Avança também em relação à definição original de Benedekt (1959) em que a parentalidade fora definida como um processo de desenvolvimento psicoafetivo comum aos dois genitores, a partir da concepção de uma crian-

ça. Solis-Ponton vem demonstrar a importância de se compreender a singularidade do processo psicológico em relação a ambos os pais, a maternalidade e a paternalidade vistos individualmente a partir da noção de parentalidade

Para se tornar um pai ou uma mãe é preciso um trabalho psíquico grandioso, complexo e desafiador. Não se trata de uma herança genética predeterminada dos pais, mas o que é relativo à transmissão intergeracional e transgeracional. Inclui elementos da história dos pais e avós, seus valores socioculturais, mitos e, principalmente, seus conflitos (Lebovici, 1993).

O trabalho psíquico a ser realizado pelos pais começa pela criança imaginária, aquela que é idealizada muito antes da gestação ter sido iniciada. Ainda quando criança, os futuros pais brincaram de papai e mamãe, de ter um filho, de escolher o nome etc. Uma brincadeira de infância que já denota o início desse processo do tornarem-se pais. Ao passarem pela notícia da gravidez, o processo psicológico de identificação começa a entrar em ação. Os pais dotam o feto em desenvolvimento de uma história humanizante. Eles não pensam nas células, nos ossos, nos órgãos em formação dentro do útero. O que surge na mente dos pais, e principalmente da mãe, são as características pessoais da futura criança: cor dos olhos, pele, o que será quando crescer, com quem irá se parecer etc. (Weber, 2006).

Quando o filho nasce e a mãe o pega nos braços, ela precisa fazer uma passagem psicológica entre a criança real e a imaginária. Quanto mais conflitivo for essa passagem em função dos traços reais que a criança apresenta, maior a frustração e decepção que a mãe passará em relação ao imaginário produzido. No caso, por exemplo, de uma síndrome, de uma deficiência, a criança real provoca uma desidealização em relação ao imaginário criado pelos pais, portador de uma história transgeracional, consciente e inconsciente. Esse processo de desidealização face ao bebê real pode provocar sofrimento narcísico intenso, a ponto de trazer distúrbios para a relação pais-bebê e, dessa forma, provocar sofrimento psíquico para o bebê o que pode impedir ou dificultar o desenvolvimento da criança.

Desde o nascimento e ao longo de toda infância e adolescência, os sofrimentos causados pelos fracassos de encontros entre crianças e seus pais resultam em perturbações de diferentes funções subjetivas e/ou familiares e de desordens do desenvolvimento ou de comportamento. Psicopatologias como: anorexia do bebê (Solé, 1985), obesidade do adolescente (Brunch, 1969) comportamentos ditos psicossomáticos (Dolto, 1984), estados ansiosos ou depressivos (Dugas, 1980) e as manifestações comportamentais que inquietam tanto a sociedade de hoje (Neyrand et. al., 2006) são consideradas, atualmente, pelos médicos como intimamente ligadas às primeiras relações com seus pais.

Com a preocupação de intervir o mais cedo possível, antes que se instalem desordens e, posteriormente, as patologias que as seguem, trabalhos de preven-

ção são realizados desde remotos tempos. Começando com a redução da taxa de morbi-mortalidade perinatal, passando pelo "parto humanizado" (Leboyer, 1974), pelo acompanhamento psicoterápico das mães onde o sofrimento era comprovado (Caron, 2000) e, posteriormente, com o advento da psicoterapia mãe-bebê (Brazelton, 1988).

Trabalhos recentes (Monelat, 2004) criaram protocolos que compreendem a organização sistemática ou não de encontros susceptíveis de abrir espaço da fala, para permitir aos pais abordar problemas pessoais, de falar sobre o mal estar deles ou de sofrimentos que arriscam comprometer o estabelecimento de laços seguros e estruturantes. Todo esse trabalho se baseia na escuta atenta de homens e de mulheres, durante o período perinatal, acerca de suas expectativas e das representações que sustentam as relações imaginárias dos pais com o bebê esperado.

Considerações finais

A parentalidade é um conceito particularmente difícil de ser compreendido em razão de sua polissemia. Oriundo da clínica psicanalítica relacionada às psicose puerperais e aos problemas referentes ao sofrimento psíquico das relações precoces pais-bebê, atualmente é uma noção importante para sustentar dispositivos de ações públicas de prevenção de risco psicossocial e da construção jurídico-simbólica da filiação. Observa-se uma modificação fundamental em sua definição desde a criação do neologismo parentalidade, em especial, o acento sobre a especificidade do processo psicológico em relação ao gênero e, em especial, a noção de que não se trata apenas de uma fase do desenvolvimento do ser humano e sim de uma constituição psíquica.

71

Referências

- BENEDEKT, T. Parenthood as a developmental phase. *Journal American Psychology Association*, n. 7, 1959.
- BRAZELTON, T. B. *O desenvolvimento do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BRUNCH H. Obesity in adolescence. In: *Adolescence Psychosocial Perspectives*. New York: Basic Books, 1969.
- CARON, N. O ambiente intrauterino e a relação materno-fetal. In: Caron, N. *A relação pais-bebê da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 119-34.

- CLEMENT, R. Parentalité et dysparentalité. In: *Le groupe familial*, FNEPE éd., 1985.
- DOLTO, F. *L'image inconsciente du corps*. Paris: Seuil, 1984.
- DUGAS, M.; MOUREN M.C. *Les troubles de l'humeur chez l'enfant de moins de 13 ans*. Paris: PUF, 1980.
- FREUD, S. (1913-1914) Totem e tabu e outros trabalhos In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 13.
- LEBOVICI, S. *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste*. Paris: Le Centurion, 1983.
- LEBOYER F. *Pour une naissance sans violence*. Paris: Seuil, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, C. *El futuro de los estudios de parentesco*. Barcelona: Anagrama, 1974.
- NEYRAND G. et al. Trouvé J.N *Familles et petite enfance*. Ramonville. St. Agne: Erès, 2006.
- RACAMIER, P.C.; SENS, C.; CARRETIER, L. La mère et l'enfant dans les psychoses du postpartum. *L'évolution psychiatrique*, n. 4, p. 525-557, 1961.
- SOLIS-PONTON, L. *Ser pai, ser mãe*. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- WEBER, L.N.D. et al. Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300011&lng=pt&nrm=iso>.

Resumos

The present paper deals about a reflection of the notion of parenting/parenthood introduced in late 1950 by the american analyst Thomas Benedekt. The author coined the term parenthood, that was taken over by Paul Racamier, in France, as parentalité. It is a neologism emerged from the psychoanalytic listening consultations of parents with a baby. A clinic dedicated to the puerperal psychosis and to the difficulties faced by a father or mother before the baby they love, but do not understand. The neologism is treated from the notion of kinship in Freud's work, where is possible find the nodal points of parenting/parenthood.

Key words: Parenthood, parentage, parental, early parent-infant interactions

Cet article s'agit d'une réflexion sur la notion de parentalité introduite à la fin des années 1950 par le psychanalyste américain Thomas Benedekt. L'auteur a créé le

terme parenthood qui a été repris par Paul Racamier, en France, comme parentalité. Il s'agit d'un néologisme qui a apparue à partir de l'écoute psychanalytique des consultations des parents avec leur bébé. Une clinique qui s'occupe des psychoses puerpérales et des difficultés trouvées par un père ou une mère face au bébé qu'ils aiment, mais qu'ils ne comprennent pas. Le néologisme est traité à partir de la notion de parenté dans l'oeuvre de Freud, où il est possible trouver les points nodaux de la parentalité.

Mots clés: Parentalité, parenté, parentalisation, interactions précoces parent-enfant

Este artículo es una reflexión del concepto de parentalidad presentado a finales de 1950 por el psicoanalista Thomas Benedekt em los Estados Unidos. El autor acuñó el término parenthood que fue tomado por Paul Racamier en Francia como parentalité. Este es un neologismo surgido de las consultas psicoanalíticas con los padres del bebé. Una clínica dedicada a la psicosis puerperal y las dificultades de un padre o una madre antes de que el bebé que aman, pero no entienden. El neologismo se maneja con el concepto de parentesco en la obra de Freud, donde se pueden encontrar los puntos nodales de la noción de parentalidade.

Palabras claves: Parentalidad, parental, parentalización, primeras interacciones entre padres e hijos

Citação/Citation: Vidigal, M. M. B. A. & Tafuri, M. I. Parentalização: uma questão psicológica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 65-74, novembro de 2010.

Editor do artigo/Editor: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, Profa. Dra. Junia de Vilhena e Profa. Dra. Ana Cecilia Magtaz.

Recebido/Received: 30.8.2010/8.30.2010 **Aceito/Accepted:** 30.9.2010/30.9.2010

Copyright: © 2010 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited

Financiamento: Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados/The authors have no support of funding to report.

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesse/The authors declares that they have no conflict of interest.

MIZA MARIA BARRETO DE ARAÚJO VIDIGAL

Médica pediatra e neonatologista da Secretaria de Saúde do Distrito Federal – UTI neonatal do Hospital Regional da Asa Sul – Brasília, DF, Brasil; Pesquisadora voluntária do Laboratório de Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF, Brasil.

SQS 216 BLOCO H APT 602
70295-080 Brasília, DF, Brasil
e-mail: mizabarreto@yahoo.com.br

MARIA IZABEL TAFURI

Psicóloga; psicanalista; Doutora em psicologia clínica; Professora Adjunta da Universidade de Brasília, DF, Brasil; coordenadora do Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF, Brasil; orientadora de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF, Brasil.

SHIN QL 15 CONJ. 09 CASA 18
71535-295, Brasília, DF, Brasil
e-mail: mitafuri@unb.br